

Um estádio estando país ou o Mineirão é uma esquina redonda

Luis Maffei ⁱ

Nunca nos esqueceremos de 2018, pelas piores razões. Um de seus dias de auspício mais nefando foi 4 de abril, quando a maioria do STF negou o pedido de *habeas corpus* impetrado pela defesa do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que fora condenado a 12 anos e um mês de prisão pelas acusações de lavagem de dinheiro e corrupção passiva. A votação no Supremo terminou com a noite avançada, mas, por volta das 21h40, com o placar em Brasília indicando 5 a 2 contra o pedido, o destino da sessão já estava virtualmente selado.

Nesse momento, os times de Cruzeiro e Vasco da Gama entravam no gramado do Mineirão para um jogo da segunda rodada da fase de grupos da Copa Libertadores da América. Sou Vasco. Estava naquela arquibancada mudada para pior, gentrificada, enfeitada como foi para a Copa de 2014 – exatamente como o Mara-

canã. O Mineirão lembra a arquitetura do Maracanã, mas tem traços inconfundíveis; ambos foram danificados, receio, para sempre. Perdemos estádios, ganhamos arenas com menos graça. Felizmente, habito e me esfrego em São Januário, que tem até capela e pôr do sol.

*

Nunca nos esqueceremos de 1985, por razões ambíguas. Seu dia mais funesto foi 21 de abril, o domingo em que morreu Tancredo Neves, o presidente eleito, rosto da Nova República e do fim de um regime civil-militar que definhou com a lentidão dos mortos-vivos, deixando centenas de zumbis que ainda nos assombram. No dia 23, o corpo de Tancredo seguiu para Belo Horizonte. Vivíamos na Antônio Carlos. Eu era uma criança em fins de infância saída do Rio por um motivo pouco nobre: o desejo mal tido de minha mãe que eu estudasse no Colégio Militar, o que no do Rio seria impossível, pois, em minha família, não figurava nenhum insigne representante das Forças Armadas, ufa.

1985 me saiu um ano estranho. Naquela cidade, de acento simpático, doce e sensual, vi uma face da solidão que ainda, à distância, por vezes me cutuca. Vi também muitas outras coisas. Mas a dependência de meus 11 anos não permitia que eu fosse longe desacompanhado. Por isso, a rotina se espalhava, timidamente, ali por São Francisco, Pampulha, entre o Colégio Militar de Belo Horizonte, a UFMG e o Mineirão – e uma visita ou outra, desenxabida, ao BH Shopping, do outro lado da cidade. A presença precoce da universidade se explica: 1. pela Escola de Veterinária, que atendia nossa cadela; 2. por ser aonde fomos parar, Flávio, meu colega, e eu, após fugir do colégio pulando o muro. A fuga não deu certo, não me alongo nisso. Mas, sempre que vou à Faculdade de Letras, lembro-me, com honra, daquela tarde, em que nos perdemos no *campus*, então dotado de proporções desmedidas, labirínticas, da Federal de Minas.

Logo atrás das trepadeiras, havia o Mineirão, uma espécie de miragem, um logo ali. O Mineirão é uma esquina redonda.

*

O novo Mineirão é boboca por dentro, mas tem o mesmo impacto por fora (ao contrário do Maracanã, que teve roubado seu teto histórico). Conheci-o na Copa do Mundo, quando fui assistir ao Bélgica x Argélia. Alguma coisa acontece em mim diante dessa geração belga, de quem fui atrás também em São Paulo, no jogo contra a Coreia do Sul, e para quem torci discretamente em 2018 – menos na recente Eurocopa, por causa de seu futebol menos sedutor. Em Beagá, a propósito, depois do jogo, fui encher a cara na companhia do cavalheiro Elcio Cornelsen, no Lourdes, diante de um televisor que mostrava o entediante 0 a 0 entre Brasil e México. Nada que a amizade, a elegância e o álcool não redimissem.

Depois de muitos anos, ter revisto a arquitetura do estádio, tão marcante que inspira, inclusive, o logotipo do nosso FULIA,¹ foi bonito e bom.

E aquela semifinal, hein? E aí, Aécio, seu agoureiro?

*

¹ Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras da UFMG.

O campo é presente radical. Quase não pensei em Brasília durante aqueles noventa e poucos minutos, mas esse “quase” faz quase toda a diferença. Lembrar daquele jogo é melancólico. Sou Vasco. O Vasco, já apresentando, de novo, um time mais ou menos, vinha de um Campeonato Brasileiro surpreendente, e estava na decisão do Estadual. O time de 2017 era melhor que o de 2018, mas o de 2018, até aquele jogo, competia. E aquele jogo, justamente aquele jogo, marcou um limite na história recente do Vasco. E lá estava eu, com Evelyn, no Mineirão.

Decidimos embarcar nessa aventura logo após o primeiro jogo da final do Carioca, no domingo anterior, quando o Vasco venceu o Botafogo no finalzinho. No setor leste no Engenhão, nós nos entreolhamos e dissemos, “vamos para Beagá na quarta”. Nada é melhor que o raro encontro entre amor e liberdade. Então, em 4 de abril, rodávamos sobre a antiga BR-3.

Nesse dia, uma diabólica imbricação entre a história da minha vida, a do meu time e a do meu (?) país praticamente gargalhou em meus tímpanos. No domingo seguinte, sairíamos, Evelyn, Dioniso e eu, do Maracanã, com a cabeça pesada e baixa, após a perda do Estadual, num jogo agônico que terminou nos pênaltis,

para o Botafogo. Na véspera, Lula fora levado para Curitiba, onde passaria mais de dois anos preso. Sabíamos do vilipêndio legal e político, mas não tínhamos a clareza de que aquela semana era um salto que Jair Bolsonaro, sem sair de sua miliciania poltrona, dava rumo à presidência da República.

O quase faz diferença. Naquela noite, o Mineirão é onde eu, mais uma vez, estava, e era, para meu coração que não é do tamanho do mundo, o Brasil inteiro. Aquele estádio, projetado por Guimarães Júnior e Gaspar Garreto, mas cuja alma recupera um Brasil *kubitschekiano*, de uma modernidade toda Minas e Brasília, já nasceu na época errada, no segundo ano dos malditos generais. O Mineirão é uma esquina redonda entre um sonho fracassado, mas belo, e um fracasso real.

*

O filho ilustre de São João del-Rei, avô de Aécio Neves, morreu, numa triste ironia, em 21 de abril de 1985, dia de Tiradentes. O Campeonato Brasileiro daquele ano, a velha Taça de Ouro, apresentava um regulamento especialmente confuso. Não o resumo, só digo que os clubes chamados grandes figuraram, na primeira

fase, nos grupos A e B, e outros, de menor expressão, nos grupos C e D. Nessa fase, a última rodada do retorno de C e D ocorreu precisamente no dia da morte de Tancredo. Nos grupos mais importantes, no fim de semana anterior.

O futebol é uma experiência iniciática, que só pode ter lugar no estádio. Meu pai e eu já íamos ao Mineirão desde que nos mudáramos, era nosso prazer. No dia 14 de abril, sete antes de Tancredo Neves morrer, fui, pela primeira vez, assistir ao Vasco fora de casa. Com a camisa cruz-maltina, como sempre, entrei no estádio um pouco arrepiado. Lá dentro, erramos a direção e entramos na torcida do Atlético. Uma jovem, imediatamente, nos abordou e disse, em mineiro afável: “oi, a torcida do Vasco está bem ali”. Não ter de correr da torcida rival me deixou vagamente decepcionado. Sim, foi esse instante que me revelou a amizade, cheia de acasos históricos, entre as duas torcidas etc.

*

O esquema de segurança daquele jogo da Libertadores concentrou a torcida do Vasco no Mineirinho, longe da ameaça azul, e nos deslocou para o estádio com muita polícia em volta: “Cum on feel

the noize”. Bem, não era um Vasco e Atlético. Um sujeito disse a outro, não antes, mas já depois da partida, “nunca vim a um jogo com o Cruzeiro que não me causasse problema”, enquanto esperávamos, por mais de uma hora, para sair do estádio. Evelyn e eu levávamos casacos, naquela noite quente para os corpos e gélida para nossa democracia, apenas para esconder as cruces. Deu certo.

Não é exagero: aquele jogo foi o último, na história recente do Vasco, em que o time lembrou o tamanho do clube. Alguém citará o 4 a 4 com o Flamengo, em 2019, mas gostar de um empate com o rival do Leblon já indica certo apequenamento. Em Belo Horizonte, naquela noite de 2018, o Vasco jogou bem, contra um adversário forte, em domínio alheio, numa grande competição continental. Se eu fosse Shelley (ele, não ela), escreveria: “No more – Oh, never more!”.

Quer dizer, se eu fosse um poeta romântico, eu diria que ter visto, ao mesmo tempo, o melhor e o último jogo de Paulinho, filho de Oxóssi, pelo Vasco, justo o jogo em que ele sofreu uma contusão dramática, justo o jogo que reputo como o último que se acerca do tamanho de meu clube, tem a ver com aquilo de o destino rir de mim e tal.

*

Há o Mineirão, há o Mineirinho. Em janeiro de 1985, lá fomos nós para eu prestar o exame de admissão no CMBH. Na altura, eu participava da escolinha de futebol de salão do Bradesco/Atlântica, justo o Bradesco/Atlântica, ex-Atlântica/Boavista e depois apenas Bradesco, na Rua Barão de Itapagipe. Ao lado de nós, crianças, treinava um dos maiores times de voleibol do país, e não nos cansávamos de ver Bernard, Fernandão, Bernardinho, Amauri, Bebeto etc., bem ali. O time de futebol de salão também era muito bom, mas o de vôlei, esporte que começava a alçar altos voos, era luxo só.

E foi em janeiro de 85 que o Campeonato Brasileiro de 84 começou a ser decidido, em Belo Horizonte. Por coincidência, o Bradesco/Atlântica hospedou-se no mesmo hotel onde estava a delegação da vez dos meninos que vinham de certo cursinho carioca, todos os anos, tentar ingressar no CMBH – havia um convênio entre o bom hotel e o curso, e estávamos lá só por isso, nós, os filhos de civis.

Meu pai e eu conseguimos dois ingressos. Nas cadeiras do Mineirinho, eu vestia a camisa do Bradesco/Atlântica, usada nos

treinos, para gozar com o primeiro jogo da final de um campeonato que não podia ser perdido – afinal, do outro lado não estava a Pirelli, mas um time que não podia bater o nosso. Não só bateu no jogo, mas na melhor de três do campeonato, assim como nas finais de 85 e 86. Era o grande Minas Tênis Clube, de Pelé e Young Wan Sohn.

Mas o que realmente importou para aquele menino de quase 11 anos foi outra coisa. Quando o Bradesco venceu o primeiro set, tirei o casaco (há muitas ocasiões a que se presta um casaco) e vibrei sem timidez. Ao sentar-me, ouvi uma doce voz em meu ouvido, cuja dona estava exatamente atrás de mim, falando mineiro, com muito bom humor diante daquela criança estranha e vestida com a roupa errada: “você é carioca”? Virei-me e vi uma jovem e seu gostoso sorriso, em companhia de seu também simpático namorado. Caí de muda e falsa paixão por ela.

Acho que gosto tanto do sotaque mineiro (simpático, doce, sensual, não?) por causa desse momento, do sopro no ouvido, do roçar do cabelo, de uma voz cuja face não me lembra.

E foi no Mineirinho que vi um show do Quiet Riot, mas não vem ao caso.

*

Algo liga minha experiência de certos momentos catastróficos da vida brasileira a Belo Horizonte. Em 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados autorizou a abertura do processo de impeachment contra a quase gaúcha, mas belo-horizontina, Dilma Rousseff. Assisti àquele macabro polaroid de Brasil, com Evelyn e nossa querida amiga lisboeta Diana Pimentel, na Praça da Estação, em meio a muita gente entre lágrimas e revolta, impotência e medo.

Sempre abril? É que abril de 85 é antecedente de abril de 2016, e abril de 2016 é uma das causas de abril de 2018 – e segue nossa história (?).

*

O Atlético venceu o Vasco por 1 a 0, gol do soberano Reinaldo. Ambos os times já estavam classificados para a próxima fase daquele campeonato rocambolesco. Eu sabia que ver Reinaldo (era seu último ano de Galo) e Éder em ação, na casa deles, mesmo depois do auge, era alguma coisa.

Aliás, em certo outro jogo, que pode ter sido (não tenho certeza) um Cruzeiro x Villa Nova, convenci meu pai a irmos de

geral. Ele odiava, mas foi, como já fora, por insistência minha, no Maracanã. Descobri, então, que a geral do Mineirão era relativamente mais alta que a do Maracanã, onde eu adorava ir, e que isso permitia uma visibilidade melhor do jogo.

Meu pai até concordou, mas não voltei a convencê-lo a ir lá embaixo.

*

Voltando de Belo Horizonte, na quinta-feira, 5 de abril de 2018, Evelyn e eu paramos num estabelecimento da rodovia. Como sempre, havia televisores, que transmitiam a notícia de que Sergio Moro decretara a prisão de Luís Inácio Lula da Silva. A sexta-feira foi de mobilização, estávamos na Cinelândia, mas ninguém supunha seriamente que Lula não se entregasse.

No sábado, depois de passar dois dias no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, o ex-presidente teve de driblar a multidão para sair do prédio. Antes, fez um dos discursos mais notáveis de sua trajetória, no qual clamou: “Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou um ser

humano, sou uma ideia, uma ideia misturada com a ideia de vocês”.² É desse dia a memorável foto de Francisco Proner que, ao mostrar Lula no meio de um mar humano, ilustra precisamente a transformação daquele homem em ideia, não platônica, mas política, o que faz dele mais homem ainda.

Ainda em 2016, escrevi uns versos que hoje subscrevo com mais raiva: “Este país/ falácia e medo/ ensina o que é o contrário da esperança”. O poema se intitula “Brasil 2016”, e pertence a um conjunto (quase) todo dedicado aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Muito do que ocorreu na sequência, Copa do Mundo + Olimpíada, desvela aspectos problemáticos dos governos Lula e Dilma, desde uma relação permissiva com o capital até a autoritária, portanto ainda mais perigosa em cenários como o atual, regulamentação da Lei Antiterrorismo. Depois de tanto e tudo, este país não tem mesmo a ver com esperança. Lula está livre, o canalha semi-analfabeto Moro foi desautorizado, tudo bem, mas é pouco, nem sei se se configura esperança. Também não tenho esperança no

Vasco, mas essa relação não precisa de esperança, precisa é de doença, e isso tenho de sobra.

*

Desci sozinho para ver o féretro que levava o corpo de Tancredo, vindo do aeroporto da Pampulha, rumo ao Palácio da Liberdade, naquele 23 de abril de 1985. Obrigatoriamente, o carro dos bombeiros teria de passar em frente a meu edifício, na Antônio Carlos. Um pouco às cegas, minha mãe e meu pai escolheram aquele apartamento por ficar bem perto do colégio e por ter um quintal. Não foi uma boa escolha, mas me deu memórias.

Minha mãe era uma mulher sofisticada, com tintas antiadulocêntricas surpreendentes em sua geração – em qualquer geração, cabe dizer. Irmos para Belo Horizonte, porém, foi motivado pelo equívoco de quem via as fardas com um fascínio que não combinava com seu gosto por Giuseppe Verdi e Dolores Duran. Já meu pai era um trabalhista à moda antiga, que guardava com orgulho a foto da assinatura de sua filiação do PDT, em 1981.

² Disponível em: <https://bit.ly/3xB5Q1o>.

Esse mesmo pai chorou como uma criança contrariada, um bezerro sem mãe, quando Tancredo morreu. Durante muito tempo ele negou essas lágrimas, talvez constrangedoras para um brizolista. Então, desci sozinho para ver o cortejo de Tancredo, minha mãe à janela, centenas de pessoas na rua. O Brasil, ora bolas, já me preocupava.

*

O futebol é uma experiência iniciática, que só pode ter lugar no estádio. O Vasco x Botafogo que teve lugar no primeiro domingo com Lula preso foi uma experiência que Dioniso jamais esquecerá, e que jamais esquecerei de ter vivido com ele. Ainda falta o Mineirão em sua vida, resolveremos isso. O que não falta é ele entrar em campo com o nosso time, coisa que já fez várias vezes, no Maracanã, no Engenhão, em São Januário.

Já no Mineirão, naquele domingo, outro eco meio triste da quarta-feira. É que, como o Atlético tinha vencido o primeiro jogo da final do Mineiro por 3 a 1, a torcida do Vasco cantou muito para a do Cruzeiro: “Ô ô ô, vice do Galo!”. Pois bem, o Cruzeiro reverteu

a vantagem e foi campeão. Sempre podemos dizer que não é problema nosso.

*

Voltei à Taça de Ouro de 85 no segundo jogo da semifinal, Atlético x Coritiba. Num Mineirão que foi esquina entre muita eletricidade e pouco futebol, vimos o 0 a 0 que empurrou o Coxa, que ganhara o jogo de ida, para a decisão. Fomos jantar, meu pai e eu, num restaurante das redondezas, e não me esqueço de o garçom olhar para mim e dizer, claro, em mineiro, com tristeza: “O nosso Galo, poxa...”. Senti, na condição de não torcedor, certa superioridade que a Fortuna, ou melhor, a vascaíndice, nunca deixou durar muito.

Fui torcedor por algumas horas, pela tevê, durante a final excêntrica, quando, enchido de saudade da cidade onde vivia (“você é carioca?”, perguntou-me a morena do Mineirinho; não, mas quase – a ela, disse que era), torci, como quase todo o Rio de Janeiro, para o ambivalente Bangu. O bom time de Castor vinha de um daqueles grupos menores, o C ou o D, e chegou à final. Sabemos o resultado.

*

No país cujo presidente é Jair Bolsonaro, sem partido, onde, até o momento em que encerro este texto, quase 600 mil morreram de Covid-19, onde a democracia é corroída na carne das instituições, onde a fome campeia e o neoliberalismo deita e rola, onde a população pobre, preta, LGBTQIA+ e as mulheres sofrem diário extermínio, num Mineirão vazio como um funeral na pandemia, Cruzeiro e Vasco se enfrentaram, no dia 24 de junho de 2021, pelo Campeonato Brasileiro da segunda divisão.

* * *

ⁱ Luis Maffei é professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui Graduação em Letras (1999), Mestrado (2003) e Doutorado (2007) em Literatura Portuguesa, todos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como ensaísta, publicou os livros: *Do Mundo de Herberto Helder* (Oficina Raquel, 2017); *Ciranda da poesia – Manuel de Freitas por Luis Maffei* (EdUERJ, 2015); *Despejo quieto – ensaios sobre poesia portuguesa* (EdUFF, 2015); e, com Pedro Eiras, *A vida repercutida – uma leitura da poesia de Gastão Cruz* (Lisboa, Esfera do Caos, 2012). Organizou, em parceria com Diana Pimentel, *Até que – Herberto Helder* (Lisboa, Guilhotina, 2015); com Ida Alves, o livro *Poetas que interessam mais – leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa* (Azougue); com Lilian Jacoto, *Soldado aos laços das constelações – Herberto Helder* (Lumme); e com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 hoje* (Oficina Raquel). É também poeta, tendo publicado: em 2006, *A*; em 2008, *Telefun-*

ken; em 2010, *38 círculos*; em 2011, *Pulsatilla*; em 2013, *Signos de Camões*; em 2015, *40*; e, em 2016, *Vista de Olímpia*. Em 2012, estreou como contista com o livro *Contos da Colina*, escrito em parceria com Nei Lopes e Mauricio Murad. Coorganizou, com Mayara R. Guimarães, o livro de contos *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos*, no qual também participa como contista. Como ensaísta, tem textos publicados em diversas revistas, como *Metamorfoses*, *Ipotesi*, *Via Atlântica* e *FuLiA/UFMG*, e as portuguesas *Colóquio/Letras*, *Relâmpago*, *Telhado de Vidro* e *Cadernos de Literatura Comparada*. Coordena, para a editora Oficina Raquel, a série “Portugal, 0”, dedicada à novíssima poesia portuguesa. Pelo conjunto da obra, recebeu o prêmio Icatu de Artes – Literatura, 2013. É Sócio Benfeitor do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.